

**Um pé de cana não é nada,
juntando é um canavial...**



CEDI
Centro Ecumênico
de Documentação e Informação

Rua Cosme Velho, 98 fundos
Telefone 205-5197
22241 Rio de Janeiro, RJ

Av. Higienópolis, 983
Telefone 66-7273
01238 São Paulo, SP

Coordenador de Publicações
Paulo Cezar Loureiro Botas

Equipe de Arte
Anita Slade
Martha Braga

Produtor Gráfico
Alvaro A. Ramos

Redatores
Carlos Cunha
José Ricardo Ramalho

Assinaturas e Expedição
Eduardo Spiller Penna

Tempo e Presença Editora Ltda.

Diretor
Domício Pereira de Matos

Conselho Editorial
Carlos Alberto Ricardo
Letícia Cotrim
Zwinglio Mota Dias
Carlos Rodrigues Brandão
Jether Pereira Ramalho
Eliseu Lopes
Henrique Pereira Junior
Carlos Mesters
Beatriz Araujo Martins

Composição
Gráfica e Editora Prensa Ltda.
Rua Comandante Vergueiro da Cruz, 26
Olaria — Tel.: 280-8507
Fotolitos e Impressão
Clip - Rua do Senado, 200
Tel. 252-4610

KARDEX	(X)
MC	(✓)
PP	()
DOC. GERAL	()

**Um pé de cana não é nada,
juntando é um canavial...**



Rio de Janeiro
Agosto de 1981

Sumário

- 3 Apresentação**
- 4 O contexto da Zona da Mata**
- 6 Um pé de cana não é nada, juntando é um canavial...**
- 31 O Aconteceu da Greve**

Apresentação

No princípio, este trabalho seria apenas uma simples cobertura jornalística de um fato importante, no dia a dia de uma repórter e de um fotógrafo: Uma greve de trabalhadores nos canaviais que seria noticiada nacionalmente. Porém, à medida em que penetrávamos na intimidade do movimento, na medida em que participávamos do dia a dia dessas pessoas, em seu local de trabalho, em casa com a família e nos comandos de greve com os companheiros, nosso interesse foi deixando de ser apenas jornalístico para se transformar num caso de amor.

Tivemos a certeza de que esse camponês subnutrido, debilitado pelas doenças e explorado pelo trabalho, não é incapaz e preguiçoso como os "Jecas Tatus" da vida, como sempre nos fizeram acreditar. Ele é um homem simples, é verdade, todavia inteligente, engracado, que consegue rir do seu próprio sofrimento, mantendo uma dignidade irrepreensível, apesar da miséria em que vive.

Esse dias também nos fizeram pensar um bocado. Por exemplo, em como essa população do interior do Brasil, em geral, é esquecida também pelos profissionais da informação. Quase sempre se transformando em notícia, que não retorna a eles pelo simples motivo de que não sabem ler. Pouco é feito no sentido de transformar o que se exerce sobre eles, em subsídios de fácil assimilação, que possam ter alguma utilidade no seu cotidiano. Essa greve também nos deu a segurança de que a função social do jornalista é utilizar os meios de comunicação que estiverem a seu dispor, para dar a sua contribuição efetiva nos processos de luta pela libertação do povo brasileiro.

Assim surgiu este áudio-visual, o primeiro, e até agora o único documento sobre a greve dos canavieiros de 1980. Ele é dos trabalhadores. Nele está a nossa visão da resistência, do bom humor e da dignidade do nordestino.

Várias cópias já estão em circulação nos sindicatos rurais de alguns Estados brasileiros. Na Zona da Mata, está sendo utilizado pelos sindicatos e a Federação como equipamento educacional nas reuniões de delegados sindicais, após o que, sempre se provocam discussões enriquecedoras, cumprindo assim o seu objetivo.

Procurando também algumas entidades como nós empenhadas em fazer circular as conquistas do trabalhador brasileiro, para que o áudio-visual chegasse a públicos impossíveis para nós, que não temos uma rede de distribuição montada. Daí, agora estar aparecendo nestes Cadernos do CEDI.

A produção e realização são de nossa inteira responsabilidade, aonde nos comprometemos apenas com os trabalhadores e com a nossa consciência profissional. São 76 slides em preto e branco, em 12 minutos, que procuram retratar o particular do trabalho nordestino, utilizando a voz de um ator profissional na região, que "interpreta" o personagem ao som de uma viola sertaneja.

Porém, se o trabalho está bonito e toca pela sua sinceridade, o mérito não é somente nosso. Tentamos transmitir apenas a força da greve e dos seus personagens, que souberam, com muita dignidade, dar a grandeza necessária ao movimento. A eles, a nossa homenagem.

**Beth Salgueiro
Valdir Afonso**

Av. Conde de Boa Vista, 121 s/708
53.000 Recife, PE

O contexto da Zona da Mata

Poucas áreas do território brasileiro são tão próprias a movimentos de reivindicação popular quanto a Zona da Mata de Pernambuco. Comportando 39 municípios, espalhados numa faixa estreita de terra que corre paralela ao litoral, a Zona da Mata reúne, ao mesmo tempo, o maior suporte econômico e o maior índice de mortalidade infantil do Estado. Ali estão localizados 6 mil engenhos de açúcar e 33 usinas, responsáveis por 54% da renda bruta estadual. Nessas propriedades trabalham pouco mais de 250 mil pessoas. Os engenhos não têm luz ou água encanada e muito menos uma rede de esgotos sanitários. São freqüentes os casos fatais de diarréia infecciosa, sarampo ou difteria, agravados pelo estado de desnutrição crônica da população, que passa de mãe para filho através de algumas gerações. Nessa região, duzentas em cada mil crianças morrem antes de completar um ano.

A alimentação familiar básica é composta de feijão, farinha de mandioca e, ultimamente, sardinha enlatada, pois o charque, antes freqüente na ração diária, há muito tempo não faz parte da mesa do camponês, em razão de seu alto preço. Da mesma maneira, inacessível é também a escola, pois as crianças precisam trabalhar desde cedo, para ajudar no orçamento doméstico. O índice de analfabetismo é de 90%, o que limita a circulação de qualquer veículo de comunicação impressa, a não ser o folheto de cordel, cantado para um público numeroso nos dias de feira. O elemento mágico de comunicação com o resto do mundo é mesmo o radinho de pilha, presente em todas as casas, na mão do trabalhador, onde quer que ele vá.

Foi nessa mesma Zona da Mata que se deram as maiores mobilizações de trabalhadores rurais de 1955 a 1964, com as Ligas Camponesas e os sindicatos. Ali foi criado o primeiro Estatuto do Trabalhador Rural do País, no governo Arraes, que assegurou direitos que os trabalhadores hoje estão querendo reconquistar. Essa organização foi sufocada pelo golpe militar de 64, mas não morreu. As Ligas desbaratadas, vários líderes foram presos ou desapareceram, mas os sindicatos, enquanto instrumento de reivindicação dos trabalhadores, sobreviveram à repressão, retomando sua combatividade na medida em que os conflitos entre patrões e empregados permaneceram os mesmos.

Essa retomada se deu mais concretamente em setembro de 1979, quando cerca de 120 mil trabalhadores e 20 sindicatos foram mobilizados numa campanha salarial por um aumento de 52% e pela criação de uma tabela que disciplinasse as formas de trabalho existente no meio rural.

Nesse ano foi elaborada a primeira convenção coletiva dos trabalhadores de cana de açúcar. Essa convenção, de 23 cláusulas, ratificada depois pelos patrões em acordo celebrado na Delegacia Regional do Trabalho, estabelecia equivalência entre os diferentes serviços de produção de cana e suas formas de remuneração, e deveria ser renovada no ano seguinte.

O descumprimento quase total dessas cláusulas por parte dos patrões motivou a adesão maciça dos sindicatos à campanha de 1980. Os que em 79 tinham ficado de fora, talvez por receio de serem chamados de "subversivos", agora ansiavam por participar, antevendo as explicações que teriam de dar à massa trabalhadora, caso não fossem beneficiados com as conquistas que a greve pudesse trazer.

Quarenta e cinco sindicatos participaram da campanha de 80, reunindo aproximadamente 250 mil trabalhadores, entre homens, mulheres e crianças. Mas é importante que se diga que esse não foi um movimento isolado, espontaneista, onde cada sindicato agiu por conta própria. Da mesma maneira que em 79, a campanha salarial de 80 teve a coordenação e participação ativa da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Pernambuco, a FETAPE, e num determinado momento, a presença da CONTAG. A FETAPE fez um trabalho de articulação entre os sindicatos mais combativos e os mais acomodados, que foi essencial para garantir a reunião de forças necessárias naquele momento.

A convenção de 80 apresentava maior rigor na formulação das reivindicações, se comparada com a do ano anterior. Propunha um piso salarial de Cr\$ 6.899,91 e algumas alterações na tabela de produtividade, além de um controle legal na medição de tarefas e na pesagem de cana, freqüentemente manipulados pelos patrões a seu favor.

Os dirigentes sindicais e a FETAPE estavam preocupados em dar ao movimento um caráter legal, segundo os critérios de legalidade impostos pelo Estado. Cumpriram-se, assim, todas as formalidades determinadas pela Lei 4330, a Lei de Greve.

No dia 17 de outubro, em primeira convocação, realizaram-se assembléias gerais para aprovação do documento. Novamente, apenas os dois sindicatos mais combativos (São Lourenço e Pau-d'Alho) obtiveram quorum, sendo que os demais o aprovaram em segunda convocação, cinco dias depois.

Outras etapas da Lei de Greve foram cumpridas. Os patrões foram notificados e no prazo previsto começaram as negociações. Patrões e empregados, no entanto, só conseguiram sentar juntos no primeiro dia, pois logo surgiu uma divergência quanto à questão da produtividade. Usineiros e fornecedores aceitavam um aumento da diária, desde que porcentagem igual de aumento fosse registrada no tamanho das tarefas. Os sindicatos recusaram a proposta e a partir daí não houve enviado especial do Ministério do trabalho que conseguisse juntá-los outra vez. Ao mesmo tempo, cumprido o prazo legal e sem resposta dos patrões, São Lourenço e Pau-d'Alho entraram em greve, o que radicalizou muito o comportamento dos patrões.

O clima em Pernambuco era de grande tensão, com a presença de parlamentares e observadores de todas as tendências, interessados no que chamavam de "ABC do campo", numa comparação com a greve dos metalúrgicos de São Paulo, dada a amplitude dos dois movimentos.

Nos dias que antecederam a greve e enquanto durou a paralisação, todo tipo de violência foi cometido contra os trabalhadores para que voltassem ao canavial, sem resultado. De nada adiantaram também as promessas de pagar diárias em dobro aos clandestinos. A luta de um era a luta de todos.

Foi instaurado, então, um dissídio coletivo, que, dada a pressão da greve, teve seu resultado divulgado em 15 horas, um recorde na história dos tribunais brasileiros. Por ele, ficou estabelecido o piso salarial de Cr\$ 5.636,05 para os municípios da área metropolitana, Cr\$ 5.315,19 para os demais, além da exigência de balança selada pelo Instituto Nacional de Pesos e Medidas na pesagem da cana. Os quatro itens da convenção foram aprovados sem discussão, inclusive a manutenção dos delegados sindicais nos engenhos e o pagamento dos dias parados.

Hoje, passados vários meses desses dias de outubro, os trabalhadores da Zona da Mata estão empenhados em outra luta, muito mais lenta e difícil, que é a luta pelo cumprimento dos direitos assegurados pelo tribunal. É raro o engenho que não tem uma questão pendente na Justiça, principalmente no que diz respeito à tabela. Fiscais da Delegacia do Trabalho percorrem o campo mensalmente, sem muitos resultados.

Quer dizer, a situação pouco se alterou. Mas os sindicatos estão atentos. E os trabalhadores não têm intenção de recuar. Talvez tenha sido essa a maior vitória conquistada ao longo das duas greves: o fortalecimento dos sindicatos, que cresceram em número de sócios e conseguiram estabelecer a confiança dos trabalhadores em suas possibilidades de atuação.

"UM PÉ DE CANA NÃO É NADA,
JUNTANDO É UM CANAVIAL..."

*Sou um trabalhador da zona
da mata pernambucana.*

*Desde que me entendo de
gente, vivo socado nesse mar de
cana.*





Antes de mim, já viveram nesse canavial meus pais, meus avós e toda a minha família.



Conhecemos cada pedacinho dessa terra, aguamos cada soquinha de cana com o suor da gente.



Agora me diga: de quem é o filho, de quem tem? ou de quem lhe conhece as manhas?

*Eu vou contar aqui a história
de uma greve que a gente
ganhou em 1980.*



*Mas não foi uma vitória fácil
não. Nós só ganhamos porque
soubemos a maneira certa de
lutar.*



*A gente queria:
era aumento de salário,
terra boa pra plantar,
ganho certo na doença,*



ATENÇÃO

Trabalhadores Rurais

-Fichados e Clandestinos-

É HORA DE UNIÃO

DIA 21 DE SETEMBRO

COMPAREÇAM TODOS À ASSEMBLEIA DO SEU SINDICATO
PARA DECIDIR:

- 1 – AUMENTAR O SALÁRIO
- 2 – ACABAR COM O ROUBO DA VARA E DA BALANÇA
- 3 – TER TERRA PARA PLANTAR – SITIO
- 4 – TER AUXÍLIO DOENÇA, PRÁ VALER
- 5 – OUTRAS MELHORIAS

FICHADOS E CLANDESTINOS UNIDOS DEFENDENDO O VALOR
DO SEU TRABALHO. TODO CAMPONÊS NO SINDICATO
DIA 21 DE SETEMBRO



*pesar cana sem roubar,
que a balança do patrão,
pesa o que o patrão mandar.*



*Mas o nosso patrão é
igualzinho aos outros.
Primeiro, negou tudo o que
a gente queria.*

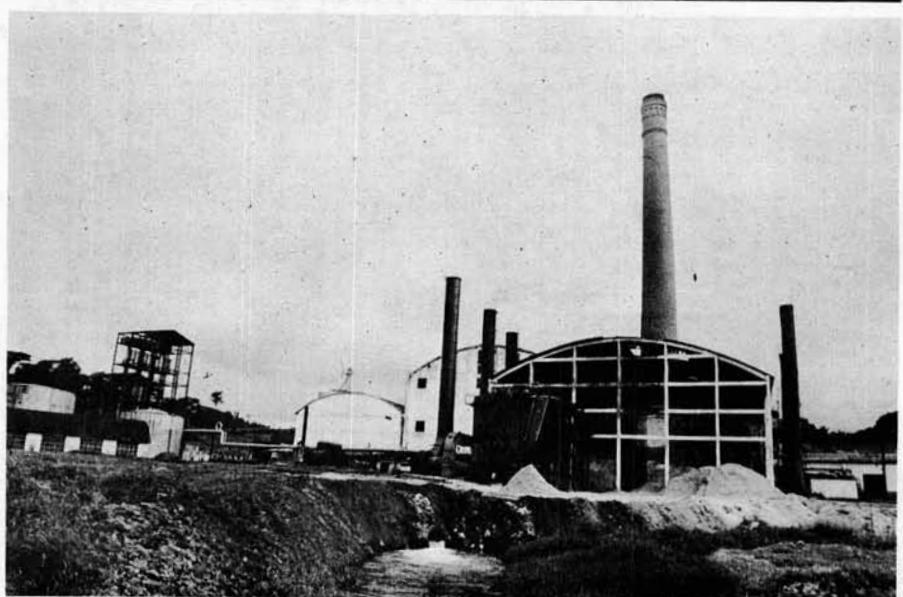


*Depois, quando a gente parou,
disse que não negociava com
grevista e empurrou o caso pro
juiz.*

*Se fosse outro o momento,
quando a decisão chegasse na
mão do juiz, a gente tava
lascado. Mas a gente tava no
meio da moagem.*



*Das 33 usinas, só duas tinham
cana pra moer. E Pernambuco
vive é de açúcar, né?*

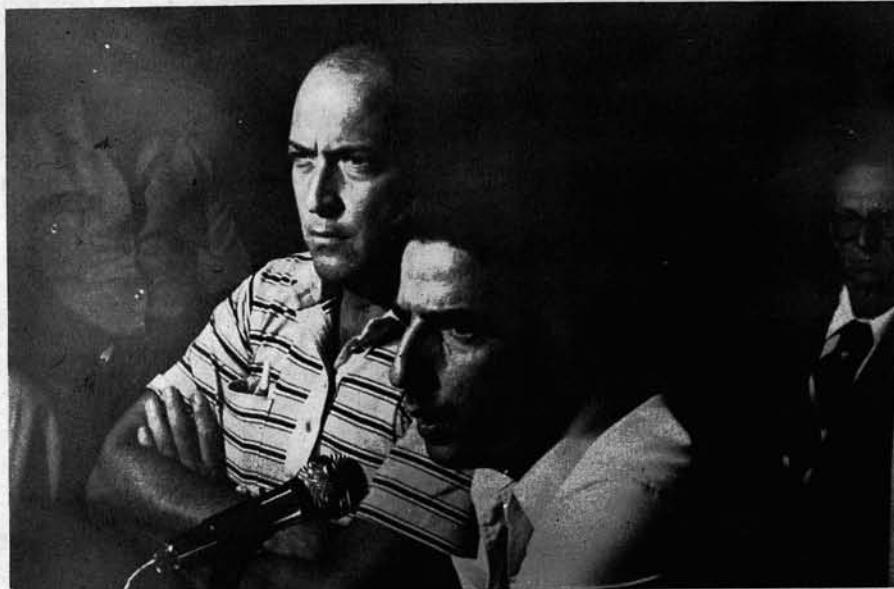


*Então, o dissídio entrou de
manhã e de noite já se sabia o
resultado. Dizem, que na greve
dos metalúrgicos de São Paulo,
saiu em 48 horas.*





*Na da gente saiu em 15! Agora,
verdade seja dita: antes do juiz,
a gente bem que tentou um
acordo.*

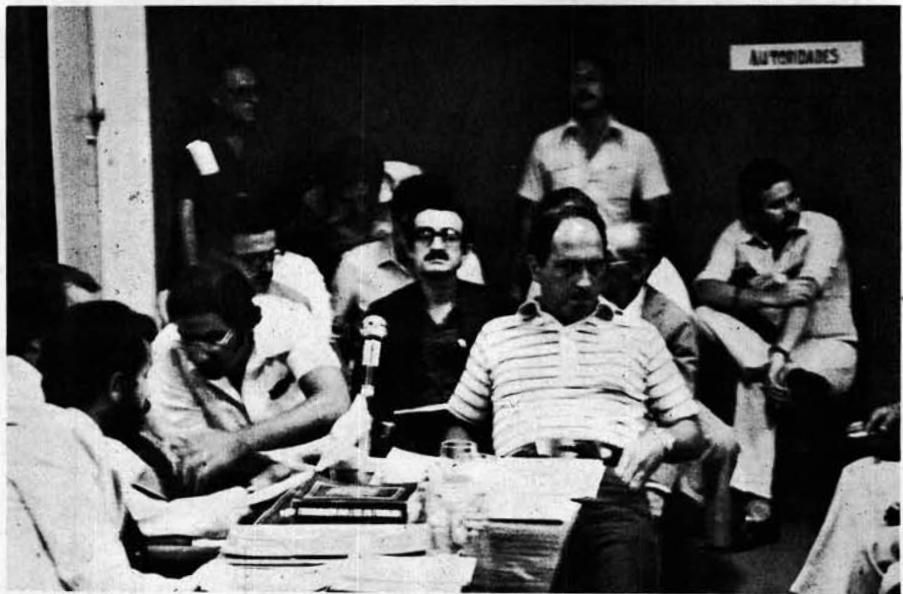


*Mas olha só com que cara o
patrão veio pra negociar... Não
deu outra:*



*Negou-se aumentar salário.
Quis subir a produção.
Diz que a gente é preguiçoso,*

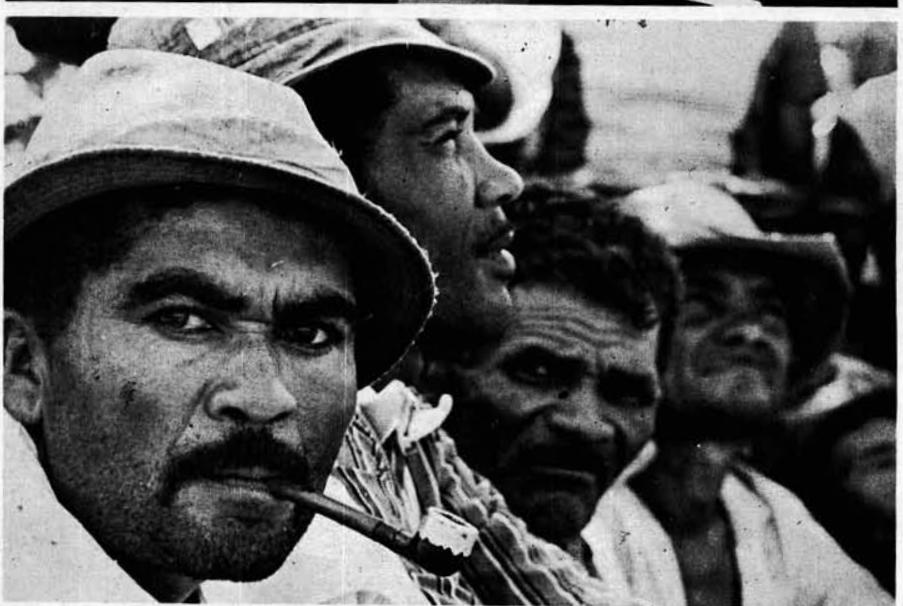
*e só vai no empurrão.
Ficou brabo, fez careta.
Parecia assombração*



*E resolveu sair da mesa
no meio da negociação
sem atender nem um tico
das nossas reclamações.*

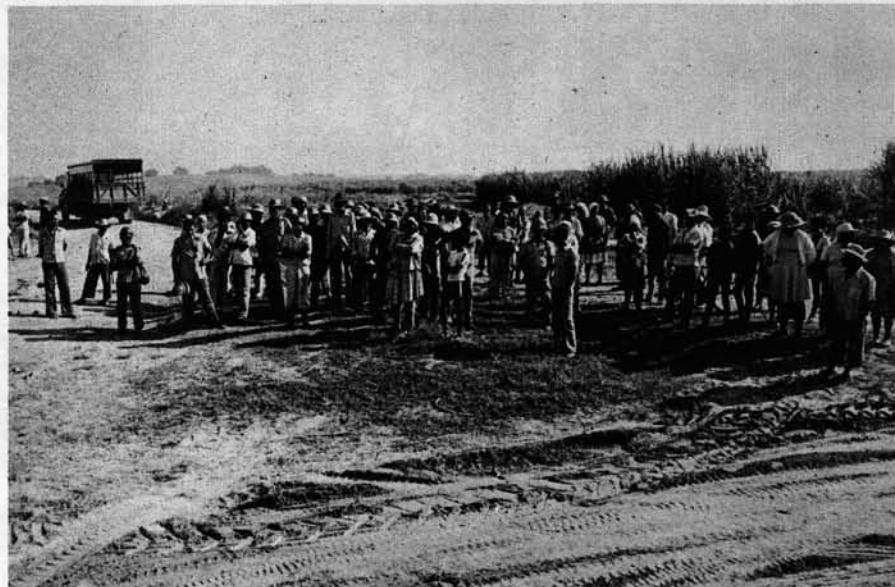


*Era esse o panorama,
lá do lado do patrão,
enquanto do nosso lado...
Nós tava tudo parado,
aguardando a decisão.*





Fomos chegando aos pouquinhas e acabamos espalhados: velho, mulher, menino.



Quem na cana era talhado, vizinho, gente de longe. Foi um encontro danado



E então se juntou todo mundo no comando, pra ver o que ia acontecer.

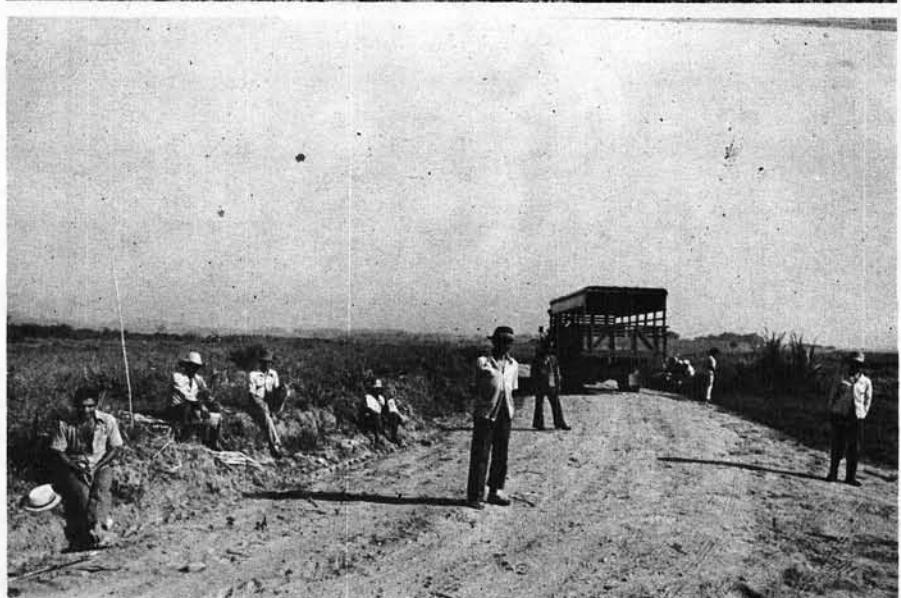
*Nós tava sabendo que não era
feriado, que a gente tava de
greve. Era um paradeiro de
luta.*



*Sabia também que nos outros
engenhos o pessoal tava na
mesma situação. Aí a gente
ficou conversando,*



*e tocaiando as estradas, né, pra
mode não vir caminhão
carregado de clandestino
ocupar o lugar da gente.*





O patrão tentou pagar mais, mas nenhum clandestino aceitou. Dava gosto ver os caminhões passar tudo vazio...



No comando era como se fosse tudo irmão, viu? Fizemos dois dias de greve e ninguém passou fome.



Quem tinha uma rocinha em casa dividia a macaxeira, a fava, o inhame com quem não tinha, e no fim dava pra todos.

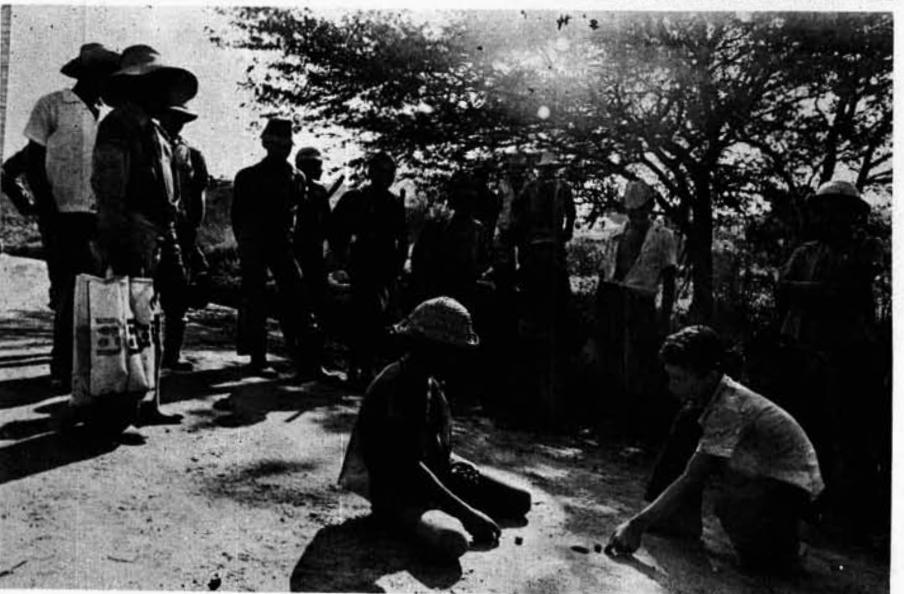
*Sem falar no que mandaram de
fora. Gente que eu nem
pensava que sabia de nossa
luta. Aí é que eu vi que a gente
não tava sozinho como eu
pensava.*



*Entre nós, tudo ia na mais
perfeita paz, e se de nós
dependesse,*



na paz tinha findado.



Mas o patrão apelou pra ignorância. E tome provação pra cima de nós. O patrão tava doidinho que a gente revidasse,



mas ninguém caiu nessa. E a violência e a cachorrada veio só do lado deles.

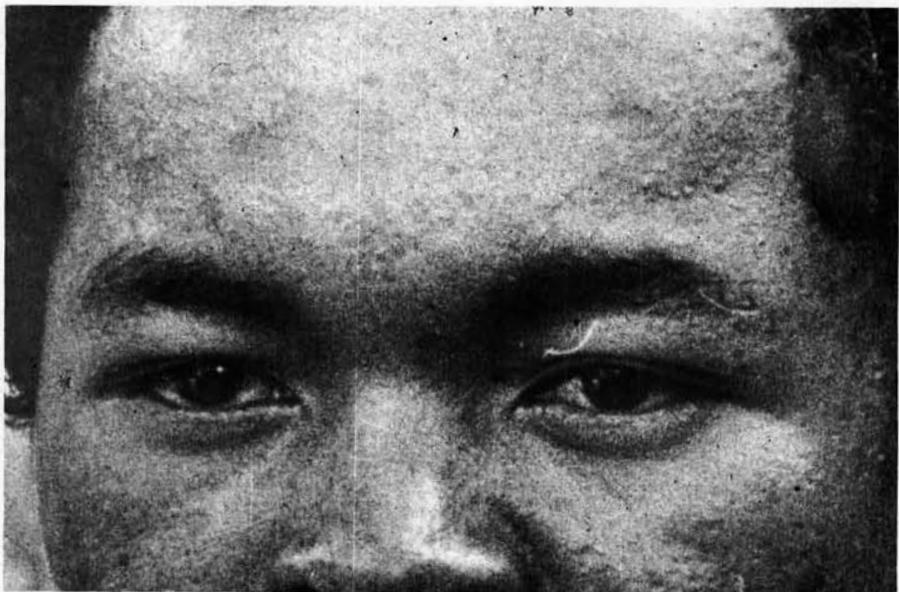


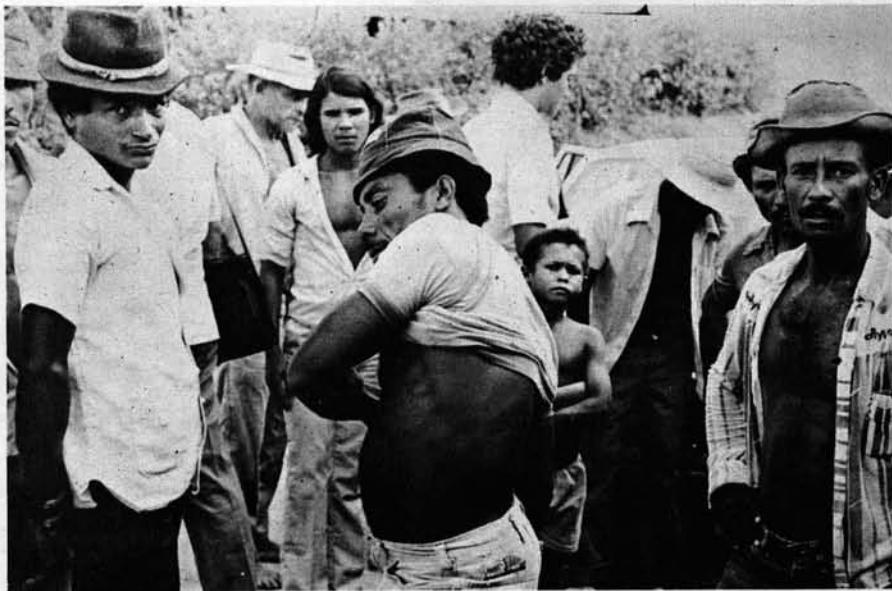
Vi muito camarada meu trabalhar com 38 rondando.

Vi nego chegar no sindicato sem fôlego, correndo de bala no meio do canavial. Quem não se feriu é que teve sorte.

Em Nazaré da Mata a bala correu mais ligeiro e pegou no braço de um. O carro do Sindicato de Rio Formoso foi baleado.

Agora o caso mais danado, que entrou até a Polícia Militar, foi o do engenho São José, em São Lourenço. Por causa de um galhozinho estendido no meio da estrada,





*um soldado quebrou um
cacete nas costas de um
trabalhador, e ainda disse na
cara dele:
“Esse cara agüenta mais cacete
do que jumento...”*



*Saiu em tudo o que é jornal.
Chegaram até quatro
deputados de Brasília pra ver
se era verdade aquela
ignorância toda. E era.*



*Mas o feitiço virou contra o
feiticeiro. A violência só serviu
pra ajuntar mais ainda todo
mundo.*

*Se bem que essa união não foi
fruto só dessa briga não. Vem
de muito mais longe.*



*Em 79 a gente já tinha feito
uma grevinha com 20
sindicatos. Parou só dois deles.
Mas já deu pra pegar o gosto.*



*Em 80 eram 45 sindicatos e 250
mil pessoas. A lista do que se
queria ficou pronta e se
chamou o pessoal pra votar a
greve.*





*Esse ano a gente exigia:
Um aumento de salário,
terra boa pra plantar,
ganho certo na doença,
pesar cana sem roubar,
que a balança do patrão
pesa o que o patrão mandar.*



*No dia das assembleias, os
sindicatos estavam lotados.*



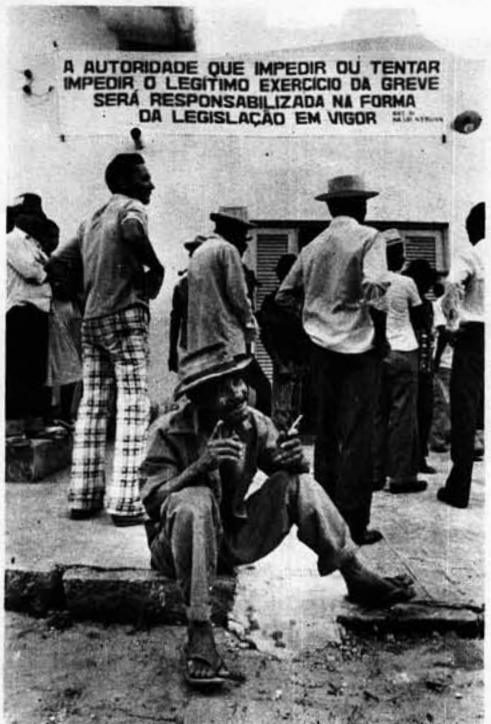
*Teve gente que veio a pé de
longe. Todo mundo
enfatiotado, chapéu que não
acaba mais.*

Fazia um calor danado, mas devagarinho, todo mundo votou.



Ou dá o que a gente quer, ou a gente pára. Porque esse ano de uma coisa a gente sabia:

Sabendo direitinho no que tava votando. E o resultado, numa só voz, foi o seguinte:

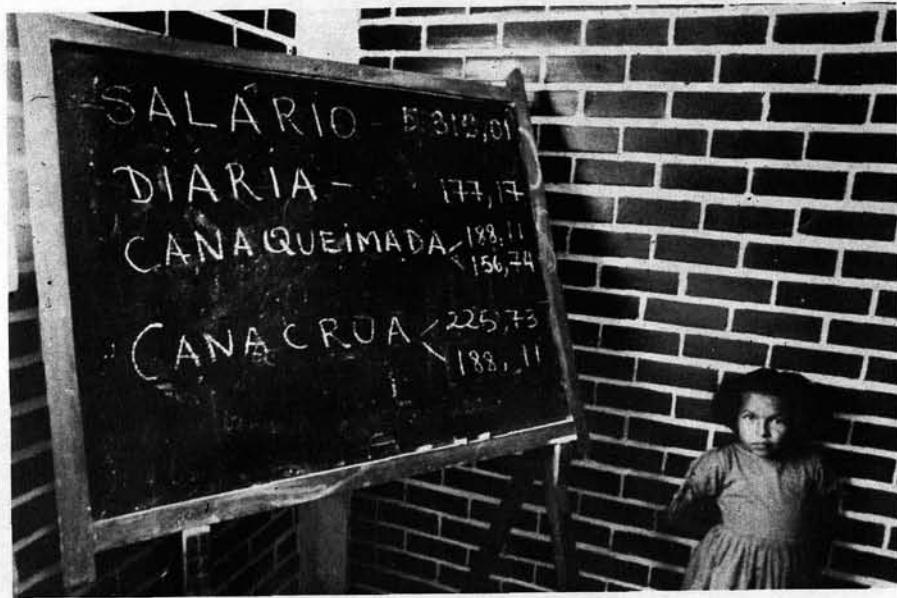




que parar faz efeito. Se não fizesse, meu compadre, eu não tava aqui contando essa história.



Do que nós pedimos, se conseguiu um bocado, mas não tudo.



O salário já ficou maior do que o mínimo do Nordeste. De acordo com o juiz, a gente ainda tem direito a ganho na doença,

*um sítio pra plantar, balança
controlada pra acabar com o
roubo, e um delegado sindical
em cada engenho.*



*Mas isso também tava
prometido no outro ano, e até
hoje a gente não viu nem o
cheiro. Na nossa vida as coisas
mudaram pouco.*



*Mulher buchuda ainda tá
trabalhando, vendo a hora partir
na palha da cana.*





As crianças e os velhos deviam estar em casa, mas não, tão lá, de enxada na mão e tudo.



O transporte ainda é feito nos caminhões de carregar cana, que quando passa numa curva mais fechada quase acaba numa desgraceira.



*E as casas da gente é isso aí,
cai mas num cai, cai mas num
cai...*

*As necessidades a gente faz é
no mato mesmo.*



*E a comida, que é o mais
importante, parece que não
tem jeito dela acertar com o
caminho das panelas da gente.
Dá até desgosto ver o vazio no
fundo.*



*A gente sabe que o patrão vai
fazer de tudo pra não cumprir
o que o juiz mandou.*





Já estão chegando nos sindicatos muitas reclamações dos engenhos, de coisas que já não estão sendo cumpridas.



Antes do fim de 80 já tinha mais de mil ações na Justiça do Trabalho, pedindo pagamento dos dias parados.



Os trabalhadores de São Lourenço pararam um dia e num instante receberam. Então é esse o caminho.

*Continuar a união e ficar de
olho aberto. A gente sozinho
não pode muita coisa não,*

*mas se juntar todo mundo, já
viu no que dá.
Por isso eu acabo dizendo:*

*Me dá a mão, companheiro,
e vamos comemorar.
Um pé de cana não é nada
juntando é um canavial...*





Narração e interpretação
Fernando Limoeiro

Música
Paulo Rafael

Letreiros
Valdemir de Oliveira

Gravação
Estúdio Clave — Recife

Produção e realização
Beth Salgueiro
Valdir Afonso

FIM

Apesar da Repressão A Greve foi Vitoriosa

Apesar das violências sofridas pelo trabalhador rural da zona da mata durante a greve, tais como invasão de casas, espancamentos, cerco de seus sindicatos, ameaças de morte por parte dos senhores de Engenhos e seus capangas, armados até de metralhadoras, os camponeses se mantiveram unidos na paralização geral, demonstrando seu potencial de luta e consciência de seus direitos, enquanto seres humanos. Coseguiram as seguintes vitórias entre outras:

Salário mensal de Cr\$ 5.636,05 na primeira Região (Cabo, Igarassu, Moreno, São Lourenço e Jaboatão.) diária 187,80 (Anteriormente 131,00)

- Salário de Cr\$. 5.315,19 para segunda Região (demais cidades)
- Diária 177,17 (anteriormente 119,00) usando a equiparação da 1a zona
- Feixe de 20 canas (anteriormente, o número de cana de um feixe não era tabelado)
- Fita metálica da balança selada pelo Instituto Nacional de Pesos e medidas (tentando impedir que haja fraude)
- A manutenção do delegado sindical (representação dos trabalhadores por engenhos, junto aos sindicatos)
- Ganho na doença (por lei, vão receber o que antigamente não recebiam durante a doença)

TABELA UNIFICADA DE TRABALHO:

Cana queimada: 5k - diária citada acima
5^a 8k - Cr\$. 188,11 por tonelada
Mais de 8k - Cr\$. 156,74 por tonelada

Cana Crua:
5k - diária citada acima
Entre 5 a 8k - Cr\$. 296,13 por tonelada
Mais de 8k - Cr\$. 188,11 por tonelada

ALÉM DA MANUTENÇÃO DA MAIORIA DAS VANTAGENS OBTIDAS NO ACORDO SALARIAL DE 1979.

Atenção: Mesmo a lei garantindo o pagamento dos dias paralizados, os camponeses terão que recorrer à Justiça do Trabalho para obtenção do mesmo, por intransigência dos patrões.

A GREVE ACABOU, MAS O APOIO CONTINUA

Coordenação do Comitê de Solidariedade à Luta dos Trabalhadores Rurais da Zona Canavieira do PE

O Aconteceu da Greve

ASSEMBLÉIAS E REIVINDICAÇÕES

Trabalhadores rurais na área canavieira de Pernambuco fazem assembleias para aprovar reivindicações

Com a participação de mais de 100 mil trabalhadores e os votos de 60 mil associados, 42 sindicatos dos empregados da lavoura canavieira de Pernambuco aprovaram em assembleia (setembro, 21) um documento reivindicatório com 26 itens. As reivindicações são comuns a todos os sindicatos, iniciando-se com o piso salarial da categoria no valor de Cr\$ 6.899,91, obrigação dos empregadores fornecerem aos empregados as ferramentas de trabalho, medidas que impeçam o roubo na balança e na vara (os trabalhadores juntam a cana em feixe e ganham por tarefa, ou seja, por tonelada trabalhada. Ocorre que, em regra, um feixe que pesa 10 kg é apontado como pesando 8. E ainda a vara que mede a área de cana a ser cortada, ao invés de medir 2,20m, mede 2,50m e até 2,60m, obrigando os trabalhadores que ganham por produção a trabalhar dois até três dias para ganhar uma diárida). Os camponeses reivindicam também a assinatura da Carteira de Trabalho, cumprimento da lei do sítio (2 hectares de terra a cada trabalhador para cultura de subsistência) e pagamento em dinheiro do salário (desvinculando-o do barracão). O preço da diárida, que corresponde a tarefas específicas por produção, é o item mais polêmico da lista de reivindicações dos trabalhadores. Exigem ainda os camponeses assistência médica em caso de acidente de trabalho, pagamento do salário durante o afastamento, adicional para os que trabalham com defensivos agrícolas, fornecimento de ferramentas para o trabalho, transporte, garantia de que aqueles que participaram da campanha

salarial não serão demitidos, e escolas para os filhos. Outras vantagens estão estipuladas nas reivindicações, a maioria delas já contidas na Convenção firmada em 1979, atualizada na deste ano, a exemplo da tabela de campo. (JB — ESP — FETAG/RIO)

Presença maciça de trabalhadores nas assembleias garante greve legal

Em todos os sindicatos da zona canavieira de Pernambuco o "quorum" para decretação da greve foi atingido, suplantando todas as expectativas, havendo uma presença atuante e massiva dos trabalhadores, bem como grande disposição de levarem a luta até que a classe patronal atenda a todas as reivindicações exigidas. Nos Sindicatos de São Lourenço da Mata e Pau-d'Alho as assembleias foram realizadas no dia 19, em primeira convocação, e o prazo de negociações termina na quarta-feira, dia 25. Nos outros 40 Sindicatos as Assembleias se realizaram no dia 21, em segunda convocação, e o prazo para resposta dos patrões será de 5 dias. Findos os devidos prazos de negociações, e não atendidas as suas justas reivindicações, os trabalhadores, necessariamente deflagrarão o movimento paredista. Este conjunto de lutas desenvolvidas pelos assalariados da palha de cana não poderá estar isolado das outras lutas travadas na sociedade brasileira. Por isto, é nosso dever conamar todos os companheiros do campo e da cidade e entidades comprometidas com a luta dos trabalhadores por melhores condições de vida e trabalho, a apoiarem concretamente o Movimento Reivindicatório dos Assalariados da Cana que no momento se desenvolve em nosso Estado. (Informe nº 1 — FETAPE — setembro, 22)

NEGOCIAÇÕES, IMPASSES, GREVE

Sindicalistas reúnem-se na FETAPE para discutir o encaminhamento das negociações

Nessa reunião os dirigentes decidiram que durante as negociações manterão comportamento unificado, pois consideram esta fator fundamental para o bom andamento das negociações, a exemplo do que fizeram na Convenção do ano passado. Foi nomeada, durante a reunião, uma comissão de negociações que falará em nome de todos os sindicatos e na presença deste. Ficou combinado, que em caso de dúvida por parte dos membros da comissão, os dirigentes serão consultados. (Informe nº 2 — FETAPE — setembro, 25)

Impasse em negociação leva trabalhadores da cana à greve hoje

No primeiro dia de negociações salariais entre usineiros, fornecedores de cana-de-açúcar e trabalhadores rurais, não houve acordo. Em reunião, presidida pelo Delegado Regional do Trabalho, durante três horas, somente quatro

das 26 reivindicações dos trabalhadores foram aceitas. A Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura divulgou informações sobre os patrões: "O volume dos subsídios líquidos concedidos pelo Governo aos produtores de cana-de-açúcar, em 1979, atingiu Cr\$ 2 bilhões 100 mil, já descontados os impostos pagos pelos produtores, de acordo com dados do Instituto do Açúcar e do Álcool, o Banco Central e a Secretaria da Fazenda. Este é o preço que a nação paga pela incapacidade empresarial dos produtores de cana e se constitui em uma das verdadeiras causas da inflação do País". (JB — 25/09)

Greve em São Lourenço e Pau-d'Alho

200 mil trabalhadores destes dois municípios entraram em greve a partir da zero hora de hoje. Em São Lourenço, 300 delegados sindicais, representando todos os engenhos do município, rejeitaram em reunião ontem à noite as contrapropostas patronais, o mesmo ocorreu em Pau-d'Alho com 100 delegados. As negociações continuam até o próximo domingo, dia 28. Caso os patrões continuem intransigentes todos os trabalhadores da zona canavieira cruzarão os braços. (Informe nº 2 — FETAPE — setembro, 9)

PMDB denuncia "insinuações"

O movimento trabalhista do PMDB denunciou "insinuações partidas da classe patronal e divulgadas pela imprensa de que supostas pessoas estranhas estariam atuando no campo entre os trabalhadores, numa tentativa de levantar suspeição sobre o legítimo movimento reivindicatório. O que acontece" — afirma a nota — "é que o grande movimento salarial dos camponeses, coordenado pela Federação de Trabalhadores na Agricultura, com a colaboração da CONTAG, está sendo conduzido dentro das normas legais, com base em estudos e análises da situação do campo. Para isso, a FETAPE e a CONTAG contam com advogados, economistas e outros técnicos devidamente credenciados, que estão assessorando tecnicamente o movimento e levantando os problemas in loco. São esses assessores técnicos que percorrem os engenhos, legalmente credenciados, e que os usineiros precipitadamente apontam como pessoas estranhas, na intenção de confundir e de lançar as surradas insinuações de subversão. Assim, os

advogados e economistas contratados a peso de ouro pelos usineiros para assessorá-los durante as negociações seriam também elementos estranhos ao processo" — concluiu a nota. (JB — setembro, 25)

Mobilização dos trabalhadores da cana começou em junho

Os trabalhadores rurais afirmam que sua greve, deflagrada nos municípios de São Lourenço da Mata e Pau-d'Alho-PE, é legal, pois toda a campanha salarial, como ocorreu no ano passado, foi traçada obedecendo ao que determina a lei de greve. A mobilização vem sendo feita desde junho, quando os sindicatos passaram a discutir com as bases a necessidade de elaborar uma nova proposta para o dissídio coletivo do dia 8 de outubro. O que levou os 42 sindicatos da área canavieira de Pernambuco a aderir à campanha foi o descumprimento quase total, por parte dos patrões, das 19 reivindicações aceitas ano passado. (JB — setembro, 26)

VIOLÊNCIAS

Polícia dispersa com violência reunião de trabalhadores em Pernambuco

Com rajadas de metralhadora, a polícia dispersou ontem os trabalhadores do Engenho São José da usina Tiúma, em São Lourenço da Mata (PE) que estavam reunidos para avaliar o primeiro dia de greve. Cerca de 120 canavieiros foram agredidos a golpes de cassetetes, ficando muitos deles feridos. Houve quatro prisões. Os sindicatos dos trabalhadores canavieiros de São Lourenço da Mata e Pau-d'Alho entraram em greve ontem porque os usineiros abandonaram as negociações. (FSP — setembro, 26)

Polícia ameaça trabalhadores em São Lourenço da Mata

Indivíduos armados, à paisana, dizendo-se da Polícia Federal, em cinco carros de placa particular, procuraram intimidar o delegado sindical e outros trabalhadores que se encontravam pacificamente reunidos no Engenho Camorim. Ameçaram prender e espancar os trabalhadores, amanhã, caso estes continuem em greve. Os trabalhadores foram imediatamente procurar o Sindicato. Os mesmos indivíduos tentaram repetir tal atitude no Engenho General, mas foram repelidos pelos Trabalhadores. (Informe nº 3 — FETAPE — setembro, 25)

CONTAG e FETAPE protestam contra prisões

A CONTAG, a FETAPE e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São Lourenço da Mata, em nota oficial denunciaram atos bárbaros praticados pela Polícia Militar de Pernambuco contra os trabalhadores do Engenho São José, da Usina Tiúma no Município de São Lourenço da Mata. Declara ainda a nota: É importante registrar a declaração do Presidente do Sindicato dos Usineiros, no início das negociações conciliatórias, no dia 24 de setembro, a uma emissora de rádio do Recife, que no dia seguinte colocaria a polícia nos engenhos de São Lourenço para coagir os trabalhadores. A greve desencadeada pelos

trabalhadores rurais é uma greve legal tendo os trabalhadores e seus Sindicatos cumprido rigorosamente a Lei de Greve (Lei 4.330), que assegura aos grevistas não apenas o direito de entrar em greve, como fazer sua propaganda, convocar os demais companheiros para entarem na greve e, sobretudo prevê penalidades para as autoridades que tentarem impedir ou ameaçar os grevistas. (Informe nº 4 — FETAPE — setembro, 27)

Violência dos patrões em Rio Formoso — PE

Ontem, dia 26 do corrente, por volta das 10:40hs, na entrada do Engenho Oriente, uma equipe do Sindicato dos Trabalhadores rurais que percorria esse engenho, e conduzia o Sr. Oficial de Justiça para realizar citações, foi surpreendida com o bloqueio da estrada efetivado pelo dono desse Engenho, Sr. Luis Lacerda de Mello, e mais 2 homens todos armados. (Informe nº 4 — FETAPE — setembro, 27)

Assessores da FETAPE e da CONTAG ameaçados por patrões

Por volta das 24 horas, no restaurante STAR em Recife, onde um grupo de assessores da FETAPE e da CONTAG estava reunido para jantar, dez elementos da classe dos plantadores de cana, acompanhados do presidente da Associação dos Fornecedores de Cana de Pernambuco e do presidente do Sindicato dos Cultivadores de Cana de Açúcar do Estado de Pernambuco entraram no restaurante e lançaram insultos e ameaças ao grupo, tendo um dos plantadores de cana avançado para agredir o grupo, sendo retido pelos seus pares. (Informe n. 5 — FETAPE — 28/09)

O último dia de negociações

A atitude dos patrões neste último dia de negociações, foi a mesma dos dias anteriores: negaram-se a sentar à mesa com os representantes dos trabalhadores para discutir, e assim permaneceram até cerca de vinte horas, quando apresentaram uma proposta oferecendo 5% de aumento salarial, desde que as tarefas fossem também acrescidas de 5%. Os trabalhadores compreenderam nessa atitude dos patrões uma extrema negativa para negociar a convenção. A falsa proposta foi recusada pelos trabalhadores que, momentos mais tarde, assistiram surpresos à busca retirada dos usineiros e plantadores de cana, comandados por seus líderes proferindo ameaças e insultos contra os trabalhadores, prometendo, inclusive, reprimir a greve a bala. Após a retirada dos representantes da classe patronal, os dirigentes sindicais dos trabalhadores se reuniram com os assessores e todo o grupo de apoio, quando comunicaram a inevitável deflagração da greve. Vários trabalhadores usaram da palavra solidarizando-se com a deflagração da greve e propondo sugestões práticas para encaminhar o movimento paredista. (Informe nº 5 — FETAPE — 28/09)

A greve em toda a zona da mata

Durante todo o dia 28, domingo, realizaram-se grandes reuniões de trabalhadores em todos os Municípios da zona canavieira com a finalidade de deflagrar e organizar a paralisação pacífica do trabalho. Nessas reuniões, muito concorridas, foi unânime a disposição de participar da greve e muito grande a animação dos trabalhadores. Em seguida foram organizados os comandos de greve, com representantes distribuídos por engenhos, com a finalidade de dirigir o movimento em cada local de trabalho e manter uma ligação com a Diretoria de cada Sindicato. Também se organizaram comandos nos pontos de concentração de trabalhadores clandestinos e nas estradas. (Informe nº 6 — FETAPE — 30/09)

Trabalhadores entram em greve

Pela primeira vez desde 1964 os trabalhadores rurais de toda Zona da Mata, onde se concentram 35 usinas e cerca de 1 mil 500 engenhos de cana-de-açúcar, entraram em greve geral: 240 mil canavieiros decidiram cruzar os braços, a partir de hoje. Enquanto os usineiros estavam acreditando na vantagem oferecida aos clandestinos, oferecendo até o dobro da diária habitual para o corte de cana, a Federação dos Trabalhadores de Pernambuco — FETAPE — não acredita que eles aceitem executar a tarefa, "pois também serão beneficiados pelo movimento". "A Lei de Greve diz que o trabalhador não pode ser substituído por outro que não seja empregado da empresa, e se os usineiros e senhores de engenho assim o fizerem, estarão ferindo os dispositivos da Lei de Greve. Isso do ponto-de-vista legal, porque do ponto-de-vista social temos certeza de que os bôias-frias vão aderir ao movimento" — afirmou ontem o presidente da Federação dos Trabalhadores da Agricultura de Pernambuco, Sr. José Rodrigues da Silva. A Federação ficou surpreendida com o grau de "intransigência" dos patrões, em reunião realizada na noite de sábado, no auditório do DER, onde os aparelhos de ar condicionado foram desligados, elevan-

do a temperatura da sala para 42 graus. As propostas de aumento salarial feitas pelos usineiros e fornecedores foram consideradas por nós até como uma piada. Se eles querem aumentar o salário, desde que a percentagem do aumento seja verificada no tamanho das tarefas, isso equivale a dizer que uma pessoa que ganha Cr\$ 2 mil por uma jornada de quatro horas de serviço, terá de trabalhar oito horas para ganhar Cr\$ 4 mil. Sendo assim, equivale dizer que o aumento por eles proposto equivale a zero — comentava ontem um dos advogados da FETAPE, Sr. Romeu da Fontes, advertindo que "se aceitássemos essa proposta, correríamos o risco até de levar o trabalhador rural a perder direitos já conquistados". A FETAPE informou ontem que está orientando todos os sindicatos da Zona da Mata a não abrirem mão dos direitos que são assegurados aos grevistas, e procurando mostrar, através de panfletos e reuniões preparatórias, que o movimento tem cunho pacífico: "Em caso de prática de violência, pela outra parte, a denúncia deve-nos ser feita com a maior rapidez, para que tomemos as providências necessárias". (JB — setembro, 29)

Adesão total à greve

A partir de zero hora do dia 29 iniciou-se a greve dos trabalhadores da cana. A adesão foi maciça: cerca de 240.000 trabalhadores pararam de trabalhar! A paralisação variou um pouco de Município para Município, mas nunca foi inferior a 60%, estimando-se uma média de 90% de paralisação no primeiro dia. A direção do Movimento em cada Município foi assumida pelo SINDICATO local, enquanto a FEDERAÇÃO coordenava o conjunto dos trabalhadores em greve, contando com a colaboração da CONTAG. Na Sede da Federação foi instalado um plantão permanente que passou a receber as informações de cada Município e a centralizar as orientações para a continuidade do Movimento. (Informe nº 6 — FETAPE — setembro, 30)

Clandestinos aderem

A adesão dos trabalhadores volantes, os chamados clandestinos, que recusaram propostas de pagamento de até Cr\$ 150 para o corte de uma tonelada de cana, paga até sábado a Cr\$ 110, fortaleceu na manhã de ontem o movimento dos trabalhadores de cana de Pernambuco, que desde zero hora entraram em greve. Nas cidades como Cabo, Ribeirão e Joaquim Nabuco, na Zona da Mata Sul do Estado, de onde partem diariamente cerca de 70 caminhões transportando clandestinos, ontem amanheceram quase vazias e apenas cinco veículos seguiram para os engenhos, levando trabalhadores. Nos piquetes destas cidades não ocorreu violência. (JB — setembro, 30)

Os patrões apelam para a violência

Diante da total paralisação do trabalho em toda a zona canavieira os patrões começaram a usar suas armas tradicionais, as ameaças, as tentativas de intimidação. Em quase todos os casos os patrões visavam impedir o direito, assegurado pela lei, dos diretores sindicais entrarem nos engenhos para dialogar com os trabalhadores. Entre os incidentes de maior gravidade destacam-se as arbitrariedades ocorridas em Nazaré da Mata, onde o delegado sindical Manoel Braga foi espancado e baleado pelo administrador do Engenho Diamante. Em Chã Grande, cinco

patrões armados, comandados pelo major e proprietário e acompanhados de dois policiais invadiram a Delegacia Sindical na tentativa de matar os delegados sindicais. Em Jaboatão, o Presidente do Sindicato e todos os Delegados Sindicais estão ameaçados de morte pelos proprietários que vêm-se utilizando de todo o tipo de intimidações, chegando em casas de Delegados e maltratando suas mulheres e pessoas presentes, com ameaças de baixo escalão. Em Aliança, a 82 quilômetros de Recife, segundo a FETAPE, o delegado da cidade foi à sede do Sindicato e ameaçou de prisão toda a diretoria, caso seus integrantes fossem aos engenhos mandar que os trabalhadores parassem de trabalhar. Em fevereiro, a 118 quilômetros da Capital, senhores de engenho foram, juntamente com capangas armados, à sede do Sindicato, ameaçar de morte os dirigentes, dizendo que eles não deveriam comparecer aos engenhos. Em Vitória de Santo Antão, a 50 quilômetros, o delegado da cidade ameaçou o presidente do Sindicato, Manoel dos Santos, de prisão, se ele fosse ao engenho impedir que os trabalhadores cortassem cana. No Cabo, na área metropolitana, o presidente do Sindicato, Antonio Sabino Viana e mais quatro dirigentes sindicais foram ameaçados de morte pelo proprietário da Usina Bom Jesus, que acompanhado de dois fiscais de campo e dois capangas, queriam impedi-los de entrar no Engenho Cajabuçu. Segundo a FETAPE, os dirigentes não se amedrontaram e continuaram seu trabalho, comunicando o fato à delegacia daquela cidade. No mesmo Município, no Engenho Vila Real, três dirigentes sindicais foram também ameaçados de morte pelo administrador do engenho e não cederam. No Engenho Bom Dia, localizado no Município de Moreno, a 28 quilômetros de Recife, o administrador conseguiu levar uma equipe de policiais à área do corte de cana e queria forçar os trabalhadores a iniciar o trabalho normalmente. Eles não cederam e a FETAPE denunciou o caso à Secretaria de Segurança. Em Timbaúba, a 100 quilômetros de Recife, no Engenho Cana Bravinha, o proprietário ameaçou espancar e atirar num delegado sindical por ele ter-se reunido com os trabalhadores. E em Camutanga, a 118 quilômetros, o proprietário da Usina Olho d'Água, Sérgio Campelo, acompanhado de um homem que ele dizia ser da Secretaria de Segurança, conseguiu que um grupo de canavieiros trabalhassem sob ameaça de espancamento. (Informe nº 6 — FETAPE — JB — setembro, 30)

Os trabalhadores respondem à violência dos patrões com serenidade!

Para conter essa ofensiva de arbitrariedades dos patrões, organizou-se a assistência jurídica tendo-se mobilizado vários advogados para essa tarefa. Providências foram tomadas junto à Secretaria de Segurança e ao próprio Governador, no sentido de pôr um fim às arbitrariedades dos patrões e obrigá-los a aceitar o que está assegurado por lei, garantindo-se assim a tranqüilidade no meio rural. (Informe nº 6 — FETAPE — setembro, 30)

Violências dos patrões continuam e se agravam

Em Chá Grande a violência continua e se agrava. A FETAPE foi informada hoje de que o Delegado de Base do Engenho dos Macacos, Severino José de Lima, conhecido por Biude Zu, teve preparada contra ele uma emboscada. Só conseguiu livrar-se da emboscada porque não foi encontrado. Em Jaboatão, ontem, dia 30, no Engenho

Pernambu Grande, o trabalhador José Soares da Silva, que já havia sido ameaçado pelo proprietário da Usina Jaboatão, foi agredido a cabo de enxada, pontapés e socos pelo filho do proprietário e pelo fiscal de campo, na casa do Delegado Sindical sobre o qual desfecharam dois tiros que não o atingiram. Em Condado, vários caminhões vindos dos Engenhos Mussumbu, Matari e Maroto, acompanhados de dois carros com homens armados de rifles e metralhadoras, tentaram coagir os trabalhadores em greve para voltarem ao serviço. Inútil tentativa. Em Nazaré da Mata, diretores do Sindicato foram agredidos no Engenho Prado em Tracunhaém, pelo proprietário, o filho deste e vários capangas, todos eles armados de rifles. O carro do Sindicato, ao tentar se retirar, foi baleado. Em Sirinhaém, houve a tentativa de seqüestro do Presidente do Sindicato e o Vigário, que cedeu o Convento para uma Assembléa do STR foi ultimado a comparecer à Delegacia de Polícia. (Informe nº 7 — FETAPE — outubro, 1º)

Comissão da CNBB denuncia violência

Para alertar o Governo do Estado sobre a represália policial e a "violência das polícias privadas dos proprietários de engenhos e usinas", uma comissão da Regional Nordeste II da CNBB e da Arquidiocese de Olinda e Recife, manteve uma audiência de quase uma hora com o Governador de Pernambuco. No encontro estavam presentes os Bispos D. Marcelo Pinto Carvalheira, de Guarabira (PB); D. Acácio Rodrigues, de Palmares (PE) e os Padres Edvaldo Gomes e Bruno Ribeiro, da Arquidiocese de Olinda e Recife. (JB — setembro, 30)

FETAPE faz um balanço da greve

Durante dois dias, numa impressionante demonstração de consciência e disciplina, 240 mil trabalhadores da zona canavieira paralisaram suas atividades, exigindo dos patrões a aceitação de suas reivindicações por maior salário e melhores condições de vida e trabalho. Contrastando com o caráter ordeiro da greve dos trabalhadores, os patrões, apoiados algumas vezes nas próprias forças policiais, buscaram provocar um confronto, cometendo toda sorte de ameaças, provocações e violências contra os trabalhadores rurais e suas Entidades Sindicais. A Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Pernambuco denunciou todos os casos que lhes chegaram ao conhecimento e exigiu das autoridades governamentais o cumprimento da Lei, solicitando sempre dos trabalhadores que não fizessem o jogo dos patrões, não aceitando as provocações. Ontem à noite, o Tribunal Regional do Trabalho decidiu o dissídio, sendo mantida, com pequenas modificações, a Convenção de 1979 e, com relação à cláusula salarial, sendo atribuído um índice de produtividade de 4%. A grande vitória dos trabalhadores foi a inclusão na Convenção da balança aprovada e periodicamente aferida pelo Instituto de Pesos e Medidas e de instrumento metálico também aprovado por aquele Instituto para substituir a atual vara de madeira usada para a medição das contas atribuídas aos trabalhadores na limpa de cana e em outros serviços. O índice de produtividade decretado pelo Tribunal ficou aquém da reivindicação feita pelos Sindicatos, isto é, das reais necessidades dos trabalhadores. Apesar disso, dando seguimento à orientação adotada durante todo o processo de greve, os dirigentes sindicais da zona canavieira decidiram acatar a decisão da Justiça e partiram hoje para as bases, convocando assembléias para

prestar contas do resultado das negociações e orientarem a volta ao trabalho. A disposição dos patrões, entretanto, parece ser outra. Agrediram os trabalhadores por sua decisão de realizarem uma greve legal. Agora, apoiados não se sabe por que forças, estão cometendo violências contra dirigentes e trabalhadores empenhados na convocação da assembléia que iria decretar hoje o final da greve. Em Nazaré da Mata, atiraram contra o carro do Sindicato, visando atingir dirigentes sindicais e um assessor da FETAPE. Em Chã Grande, que ontem assistiu ao lamentável espetáculo de ter sua sede do Sindicato dos Trabalhadores Rurais invadida por um major aposentado e alguns policiais, comandados por truculento latifundiário local, o advogado da FETAPE foi agredido pelo mesmo senhor de engenho, Sr. Laerte Pedrosa, dentro da Delegacia de Polícia, na presença do próprio Delegado, que nada fez para impedir o Sr. Pedrosa e nenhuma pro-

vidência tomou no sentido de puni-lo. Chamamos a atenção da opinião pública para esses fatos da maior gravidade e advertimos as autoridades de que, se elas não assumirem seu papel, estarão provocando o desespero da massa trabalhadora rural que se mantém estritamente dentro da Lei. Os trabalhadores não aceitarão continuar sendo massacrados pelas polícias privadas dos barões do açúcar, sob o olhar complacente, quando não cúmplice, de certas autoridades. Esperamos que os senhores Governadores do Estado, Secretário de Segurança Pública e Delegado Regional do Trabalho, adotem providências eficazes para garantir as reuniões dos trabalhadores, visando o retorno pacífico ao trabalho, sob pena de se tornarem responsáveis por um impasse que mantenha a paralisação das atividades da lavoura canavieira. Recife, 1º de outubro de 1980. José Rodrigues da Silva — Presidente.

SOLIDARIEDADE

Greve dos trabalhadores de cana tem comitê de apoio

Trinta e duas organizações, inclusive os Partidos políticos da Oposição (PMDB, PDT e PT) formaram o comitê unitário de apoio à greve, que hoje inicia a cobrança de pedágios nas avenidas mais movimentadas da Capital, e já recolheram, em entidades diversas, cerca de Cr\$ 60 mil, entregues à Federação dos Trabalhadores de Agricultura — FETAPE — para dar apoio financeiro ao movimento grevista dos canavieiros pernambucanos.

Apoio vem de todo Brasil

O movimento dos assalariados da cana de Pernambuco, têm recebido constante e efetivo apoio de solidariedade dos demais Sindicatos de Trabalhadores Rurais de Pernambuco e, Federações dos demais Estados, de Sindicatos Urbanos, de Entidades ligadas aos movimentos populares, Parlamentares e Movimento Estudantil. Foi instalado, em Recife, o comitê de Apoio Permanente ao Movimento Reivindicatório dos Trabalhadores Rurais. (Informe nº 5 — setembro, 28)

Carta da Igreja aos trabalhadores rurais da zona canavieira

Prezados Irmãos e Irmãs. Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais da Zona Canavieira de Pernambuco. Queremos agradecer a vocês pelo plantio da cana. Cana que é a maior riqueza do Estado de Pernambuco. Cana que produz açúcar para adoçar a boca de nossos irmãos brasileiros e estrangeiros, deixando amarga a vida de vocês. Cana que produz o álcool que está tomando o lugar do petróleo. Álcool que vai movimentar fábricas, ônibus, caminhões e carros. Tudo isso é fruto da riqueza produzida em primeira mão por vocês que trabalham na palha da cana. Quem produz riqueza tem todo direito de ver esta riqueza repartida igualmente entre todos. Jesus Cristo, nosso Guia e nosso Mestre, defende o direito de quem trabalha dizendo o seguinte: "O TRABALHADOR É

DIGNO DO SEU ALIMENTO" (Mateus, capítulo 10.10), "O TRABALHADOR É DIGNO DO SEU SALÁRIO" (Lucas, capítulo 10.7). O Papa João Paulo II, quando esteve no Recife, falou para os trabalhadores rurais. Um pensamento do Papa é que os trabalhadores rurais não podem ficar de fora do desenvolvimento da sociedade. O Papa incentivou as organizações destinadas a determinar e defender os interesses dos trabalhadores. Para nós, uma dessas organizações é o SINDICATO. Nós acompanhamos toda luta que vocês travaram nesses últimos dias. Luta organizada. Luta, legítima e legal, por melhores salários e melhores condições de vida. Luta encabeçada pelo Movimento Sindical dos Trabalhadores Rurais, por 42 Sindicatos, pela Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Pernambuco, pela FETAPE, e pela Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura, a CONTAG. Apesar de uma estrutura sindical sujeita ao Poder Público, SINDICATOS, FETAPE e CONTAG cumpriram à risca sua missão de exigir e defender os direitos da classe. Nós condenamos todas as violências que alguns patrões praticaram contra vocês. Mas, nem as ameaças, nem as perseguições, nem as violências conseguiram derrubar a UNIÃO, porque a UNIÃO ESTAVA BEM ORGANIZADA. Foi a UNIÃO ORGANIZADA que resolveu usar o último recurso, recurso de heróis, que é a GREVE. A GREVE SAIU VITORIOSA! Agora, vocês conseguiram uma NOVA LEI PARA VIGORAR NA ZONA CANAVIEIRA. Por melhor que seja uma Lei, ela é morta, quando fica só no papel. A Lei toma vida quando a gente procura conhecer a Lei, para exigir os direitos que a Lei ampara, por meio da UNIÃO ORGANIZADA. Procurem dar sempre mais vidas aos SINDICATOS, à FEDERAÇÃO e à CONFEDERAÇÃO. Elas são organizações de trabalhadores que devem seguir o caminho traçado pelos trabalhadores. Por isso, as Diretorias corajosas devem ter todo o apoio da classe. Sindicato de Trabalhador não pode ficar do lado do patrão, pois os patrões já têm os Sindicatos deles. Diretoria de Sindicato de Trabalhadores, que não ficam do lado dos trabalhadores, devem sair do caminho, deixando o lugar para os verdadeiros trabalhadores. As diretorias covardes devem

ser tiradas pelos próprios trabalhadores. Continuem firmes na UNIÃO ORGANIZADA, para a defesa do direito de vocês e de suas famílias. Não abram mão do que foi conquistado com tanta luta. Para a frente é que se anda. Andando unidos, JESUS CRISTO ficará no meio de vocês, dando mais força à UNIÃO. Contem com todo nosso apoio e toda nossa solidariedade. Recife, 1º de outubro de 1980. — Secretariado Regional do Nordeste II — CNBB; Associação das Domésticas do Recife; Coordenação Pastoral da Arquidiocese de Olinda e Recife; Ação Católica Operária — A.C.O.; Movimento de Evangelização; Encontro de Irmãos da Arquidiocese de Olinda e Recife; Congregação Redentorista Nordestina; Movimento dos Terrenos do Alto do Pascoal; Comissão Justiça e Paz da Arquidiocese de Olinda e Recife; Comissão Nacional de Pastoral dos Pescadores; Conselho de Moradores de Cabo Gato; Conselho de Moradores de Ponta Preta; Encontro de Irmãos de Itapissuma; Clube de Mães do Morro da Conceição; Assoc. dos Moradores do Alto José Bonifácio; Pequenas Comunidades de Religiosos da Periferia; Congregação do Espírito Santo; Congregação das Servas da Caridade; Congregação dos Oblatos de Maria Imaculada; Movimento Terra de Ninguém de Casa Amarela; Movimento dos Jovens do Meio Popular da Arquidiocese de Olinda e Recife; Comissão dos Pobres da Arquidiocese

de Olinda e Recife; Setor de Recursos Sociais da Arquidiocese de Olinda e Recife; Conselho Pastoral dos Altos e Córregos de Casa Amarela; Conferência dos Religiosos do Brasil Regional Nordeste II; Animação dos Cristãos no Meio Rural — A.C.R.; Congregação dos Padres Sacramentinos; Vigararia Arquidiocesana das Religiosas; Equipe Nacional do Movimento Amigos das Crianças; Congregação das Irmãs da Assunção da Santa Virgem; Congregação das Irmãs de São José; Congregação das Irmãs Servas do Imaculado Coração de Maria; Irmãs Dorotéias — Província Brasil-Nordeste; Comissão Pastoral da Terra de Guarabira-PB; Movimento de Evang. Rural do Regional Nordeste II — CNBB; Setor de Pastoral Rural do Regional Nordeste II — CNBB; Setor Pastoral Urbana do Regional Nordeste II — CNBB; Setor de Meios de Comunicação Social do Regional Nordeste II — CNBB; Setor de Pastoral da Saúde do Regional Nordeste II — CNBB; Setor de Pastoral da Juventude do Regional Nordeste II — CNBB; Setor de Documentação e Informação Popular do Regional Nordeste II — CNBB; Movimento de Promoção da Mulher do Regional Nordeste II — CNBB; Movimento de Renovação Cristã do Regional Nordeste II — CNBB; Centro de Defesa dos Direitos Humanos do Regional Nordeste II — CNBB; Muitas Paróquias da Arquidiocese de Olinda e Recife.